



Violência Doméstica

Dispositivo de apoio à vítima alargar-se-á a todo o país

28/07/2010

Projecto de tele-assistência já está em prática no Porto e em Coimbra e vai abranger todo o país em Setembro. Doze mulheres mortas já este ano por violência doméstica

A secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais, anunciou ontem que projecto-piloto de tele-assistência, já em prática nos distritos de Coimbra e do Porto, estender-se-á a todo o território nacional a partir de Setembro. Este mecanismo de protecção permite que as vítimas de violência doméstica contactem a linha de apoio da Cruz Vermelha – entidade com a qual é estabelecida a parceria – a partir de um aparelho semelhante a um telemóvel. O dispositivo poderá também ser associado às pulseiras electrónicas dos agressores, possibilitando assim alertar para a proximidade do agressor, prevenindo eventuais ameaças. A vítima pode ainda utilizar este “sistema de protecção adicional” em qualquer situação que sinta necessidade, seja por “medo, desconforto ou pânico e não necessariamente em situações mais dramáticas”, esclarece o vice-presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), esclarece Manuel Albano.

A atribuição do dispositivo de protecção à vítima dependerá sempre da medida judicial que pode ser aplicada em qualquer fase do processo, pelo Ministério Público. O alargamento da iniciativa foi elogiado pela presidente da Associação de Apoio à Vítima (APAV), Joana Marques Vidal, que espera “que se estenda rapidamente a todo o país”.

Elza Pais, que esteve ontem em Bragança, no âmbito do Roteiro para a Igualdade entre Homens e Mulheres, elogiou o projecto pioneiro sobre violência doméstica em mulheres grávidas, a realizar-se já nos centros de saúde da cidade. Um estudo do professor Henrique de Barros, citado pela Lusa, conclui por uma incidência da violência doméstica nas grávidas da Região Norte. A secretária de Estado para a Igualdade elogiou a iniciativa, considerando o distrito transmontano uma “referência nacional” no combate à violência doméstica.

Doze mulheres mortas já este ano por violência doméstica

Doze mulheres morreram este ano em Portugal em consequência de violência doméstica. O registo de casos agrava-se diariamente e ainda ontem foi conhecido mais um duplo homicídio. Um homem de 38 anos matou a tirou o próprio pai e a mulher que com ele vivia, na concelho de Tondela.

O Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) refere que no ano transacto foram contabilizadas 30.543 participações às autoridades por actos de violência doméstica, sendo que os dois distritos com mais ocorrências são Lisboa (7522) e Porto (6562). A estes números acrescem 28

casos registados pela Polícia Judiciária em todo o território nacional. Os números apontam também que 82,6 por cento das vítimas identificadas eram do sexo feminino.

Para a associação União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), os números apontam claramente para uma falta de “consciência na sociedade portuguesa sobre a violência no seio da família”, disse ao PÚBLICO Maria José Magalhães. Para esta dirigente da UMAR, “o dispositivo de tele-assistência é uma ajuda importante, desde que funcione bem”, mas isso não pode servir em situação alguma “para descansar instituições e muito menos o Estado”. É preciso uma política efectiva de protecção às vítimas por parte das autoridades e forças de segurança, uma vez que as pessoas alvo da violência “não podem ficar sozinhas com essa responsabilidade”, frisa Maria José Magalhães.

Também o vice-presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), Manuel Albano, sublinha o especial dever de protecção que cabe às autoridades estatais, de cuja intervenção depende, em última instância, a eficácia do dispositivo de teleassistência que a partir de Setembro se alargará a todo o território nacional.

Filipa Mora